Ano VII — Lisboa, Fevereiro de 1951 — N.º 70

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA

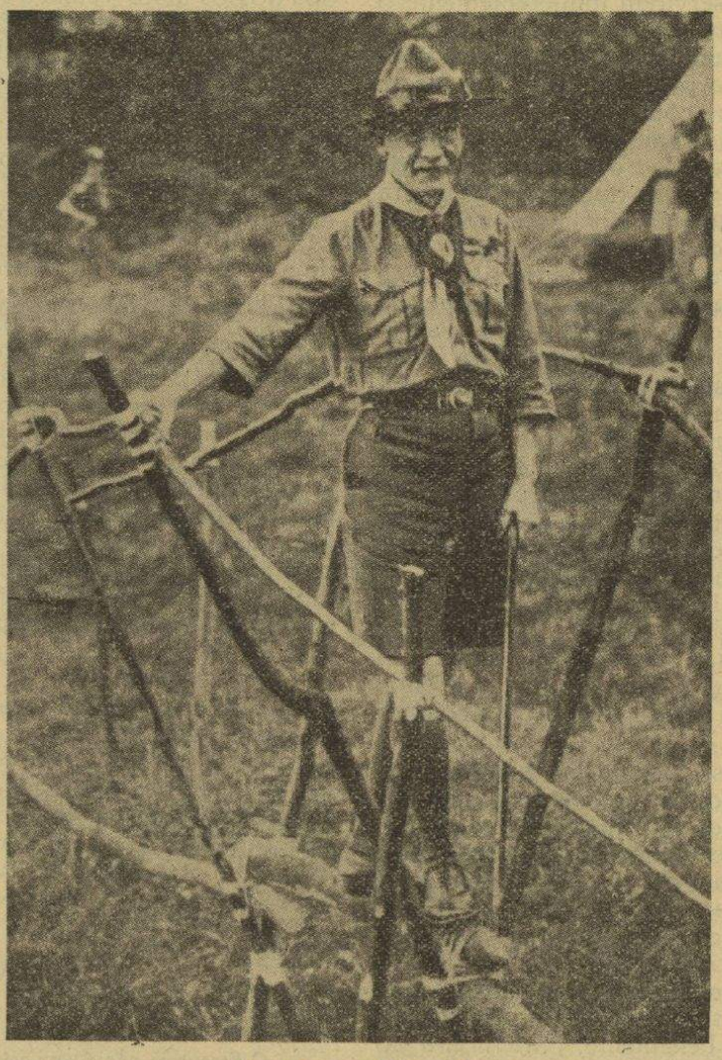
COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

DOIS ANIVERSÁRIOS

Completaria, no próximo dia 22 deste mês, 94 anos de idade o general Robert Baden-Powell, se ainda pertencesse ao número dos vivos, do mesmo modo que, no passado dia 10 de Janeiro, se completaram dez anos sobre a sua morte, na distante cidade de Nairobi, capital do território do Quénia.

Sempre Pronto — fiel à sua missão de aproveitar todas as oportunidades para tentar elevar o Escotismo nacional ao brilhante nível de outrora — não podia deixar passar estas duas datas em silêncio, evocando o nome glorioso do Chefe ilustre e inesquecível, que, numa hora de inspiração genial, criou a Instituição a que todos nos orgulhamos de pertencer e que, a terem-se sabido cumprir os seus princípios básicos, teria impedido que na Europa e no Mundo surgissem e se propagassem, como petróleo a arder, as doutrinas e as ideias nefastas que, antes de mais, negam ao Homem (com maiúscula!) tudo o que de mais sagrado ele pode ter e que nem o próprio Deus jamais lhe negou: a sua liberdade individual.

Não vamos recordar os passos mais impressionantes da vida do heróico defensor de Mafeking, essa pequenina aldeia dos começos deste século, onde, pela primeira vez, o brilhante oficial teve a ideia de aproveitar os rapazes como auxiliares na defesa da localidade. De sobra se conhecem esses episódios, a muitos dos quais se refere em quase todos os seus livros, particularmente no *Scouting for Boys*, *The Wolfcub's Handbook*, *Rovering to Success* e, ainda, nesse mal conhecido *My Adventures as a Spy*. Este último, pelo seu interesse pitoresco, pelo brilho do seu estilo (Baden-Powell pode considerar-se um dos bons escritores ingleses deste século, não só pela beleza de certas imagens e seu poder comunicativo, como ainda pelo seu espírito de tolerância, a sua visão optimista da vida, a sua persuação aliciante, que, afinal, são os fundamentos do Escotismo) e pelo forte poder impressivo das imagens, está há muito a pedir uma versão portuguesa, que desejaríamos oferecer aos nossos rapazes de hoje, tão alheados da boa literatura, ou seja da que lhes ensinaria aquilo que ambicionam ser: homens.



LORDE BADEN-POWELL

Não vamos, pois, recordar a biografia de Lord Baden-Powell of Gilwell. Mas vamos, a propósito dos dois aniversários que se passam agora, e em homenagem ao nome do glorioso Chefe desaparecido, fazer algumas considerações sobre a sua obra, ou melhor, sobre o que deveria ser hoje a sua obra.

Criado em 1908, há, portanto, 43 anos, o Escotismo poderia ter já educado quatro gerações. E dizemos *poderia*, porque de facto muito poucos educou dessas quatro gerações. Voluntariado por excelência, tem sempre as portas abertas, quer para entrar, quer para sair. Quantos ficam, quantos *têm ficado* dos que entraram? Respondam-no as estatísticas, não apenas do nosso País, mas de todos os outros do Mundo. Poucos

O êxito ou o fracasso depende em grande parte do teu próprio esforço. — B.-P.

são, poucos têm sido os que sentiram a verdade das palavras do Chefe quando um dia escreveu que «Escoteiro uma vez, Escoteiro para sempre». Porque, assim como certas pessoas «se convertem» a qualquer religião apenas para poderem alcançar o Céu *para si só*, ou para dela fazerem instrumento ou meio ao serviço das suas ambições pessoais, assim também muitos vieram para o Escotismo no desejo de se distraírem, de se divertirem, de se pavonearem com um uniforme elegante e atraente, de aproveitarem os benefícios e as vantagens que ele pode oferecer aos seus membros, de tudo, enfim, menos de procurarem, no convívio com os camaradas, aperfeiçoaram-se física, moral e espiritualmente, para virem a ser um dia cidadãos úteis à sua família, à sua Pátria, à humanidade. São esses os falhados; são os não-permeáveis às doutrinas de que a Lei é a súmula.

Talvez tivéssemos de concordar que a culpa do fracasso dos que falham possa imputar-se aos próprios princípios básicos do Escotismo, que deixam aos rapazes a liberdade inteira de escolherem, isto é a liberdade de continuarem *a ser o que eram*, mesmo depois de envergarem o uniforme e terem prestado uma Promessa que os liga moralmente a um juramento.

Mas reconheçamos sinceramente que se o Escotismo utilizasse processos totalitários, transformaria os rapazes, é certo, mas em autómatos, e, o que seria pior, em autómatos prontos a servirem indiferentemente o Bem como o Mal. Seria a negação do próprio espírito do Escotismo. Só pelo voluntariado, de facto, se consegue que um rapaz venha para aqui de rosto alegre e ansioso, ele próprio, por conhecer «o nosso jogo». O Escotismo é um jogo, mas um jogo a sério, que se executa brincando. A culpa dos fracassos, se temos de a imputar a alguém, recai, não na doutrina, mas inteira sobre os maus chefes, os que não conhecem nem querem conhecer a psicologia dos adolescentes que os procuram cheios de entusiasmo e de esperança, e breve caem no desânimo e na inércia da rotina; os que, de uniforme ou sem uniforme, se não cansam, por actos e por palavras, de contradizer os princípios do Escotismo; dos que fazem deste um «jogo», sim, mas em seu benefício pessoal, esquecidos da base altruísta do Movimento, que é uma obra de colaboração, em que cada um trabalha pelo seu aperfeiçoamento individual, é certo, mas para melhor servir os outros; dos que, finalmente, estão «sempre prontos»... a não trabalhar. Sim. A culpa deve ser desses, é desses, dos maus chefes. Exemplos há de sobra para fundamentar o asserto.

Acresce que, a par disso, há outras causas paralelas a essa e que explicam o fracasso do Escotismo. Cite-se à cabeça de todas, a invasão das fileiras pelo vírus da política, vírus perigosíssimo em Portugal, onde tudo afinal serve para nos dividir e muito pouco para nos reunir.

E no entanto, quantos, quantos há que devem o que são hoje ao Escotismo, que os salvou do abismo em que poderiam ter caído, ou onde já haviam caído, sem no entanto estarem perdidos? Quantos há que, a pouco e pouco, se deixaram penetrar dos ensinamentos do grande Chefe e sentiram, ao fim de algum tempo, que algo de novo os animava e que a vida já tinha atractivos até então desconhecidos? Quantos, quantos há que foram salvos de si próprios, que aprenderam esta arte tão simples e, ao mesmo tempo, tão difícil: ser homens? Felizmente, para honra do Movimento e de quem o criou, que, a despeito da imensa legião dos impermeáveis ao espírito do Escotismo, muitos rapazes e raparigas existem que, *voluntàriamente*, mercê de uma educação cuidadosa individual e colectiva, se despojaram da antiga personalidade negativa, para a substituírem por outra mais forte, mais humana, mais bela, tão sòmente pelo fôrte poder de uma vontade fôrte, adquirindo qualidades positivas, que os habilitaram, acima de tudo, a *sentirem o respeito por si próprios*.

Desses, muitos tombaram já pelo caminho, caídos no seu posto—uns, na luta cruenta dos campos de batalha, em defesa da sua terra invadida, outros nas lutas incruentas e mais violentas da luta pela vida. Esses, os que caíram e os que hoje ocupam posições de comando ou situações de destaque e responsabilidade, constituem o índice da vitalidade do Movimento, das suas possibilidades espirituais e morais, daquilo que cada um pode fazer, *se quiser*. Esses dizem-nos, ainda hoje, de braço estendido, que o Escotismo não falhou, que não pode falhar. Os mortos, com o seu silêncio de bronze, também nos convencem da verdade. Se vivos fossem, afirmá-lo-iam com energia.

E porque o Escotismo não falhou, porque os seus princípios estão aí cheios de vida, esperança radiosa de um futuro Mundo de paz, de felicidade e de compreensão, é que nós, os Escoteiros de ontem, os «veteranos», podemos apontar o exemplo dos que no passado venceram.

Parece que o Mundo se encontra numa velada de armas, que não é a que os antigos Cavaleiros faziam antes da investidura, que não é a que nós fizemos antes da Promessa. É antes uma velada de armas para a morte, velada fúnebre em que talvez a carne estuante de vida dos nossos filhos venha a ser sacrificada ao novo Moloque dos nossos tempos. Embora! Cremos firmemente no aperfeiçoamento moral do Homem, cremos nos superiores destinos da Humanidade, cremos no poder do Espírito, cremos finalmente que *portæ Inferi non prevalebunt!* E porque assim o cremos, é que cremos também que, para erguer o Mundo futuro—de Paz, de Ordem, de Trabalho e de Amor—uma das grandes alavancas terá de ser forçosamente o Escotismo, onde cada um aprende a servir o próximo com a alegria de um dever voluntàriamente cumprido, o dever que nos impõe uma consciência recta e justa.

Morreu há dez anos Baden-Powell. Talvez que na hora undécima, ao ocorrerem-lhe à memória as horas incertas do passado e os magníficos triunfos do tempo de entre as Duas Guerras, o Chefe tivesse a visão nítida dos destinos ulteriores da Humanidade, em quem confiava com a convicção dos crentes e dos que se sentem talhados para uma superior missão. Baden-Powell jamais creu que o Escotismo pudesse desaparecer, embora pudessem desgostá-lo as imitações bastardas que pulularam e pululam ainda pelo Mundo. É que ele sabia bem que, se os aspectos *exteriores* do Movimento podem ser copiados ou imitados, o seu *espírito* é inimitável: aceitá-lo é fazer simplesmente Escotismo.

Que todos, ao evocar a figura do Chefe eminente morto há uma década, façam também a sua velada de armas, mas seja esta uma intuspecção individual, relembrando a Promessa, recordando a Lei. E ao evocar a memória de Baden-Powell, procure cada um cumprir na vida aquilo que prometeu *voluntàriamente*, sem qualquer coacção, sem qualquer pressão, apenas feito com a alegria de poder um dia SERVIR. O grande juiz da Consciência o julgará. A memória do Chefe lho agradecerá.

ANTÓNIO ÁLVARO DÓRIA
E. C. D.

O Escotismo não é uma ciência que tenha de ser estudada solenemente; não é tão-pouco uma colecção de doutrinas ou textos. Tão-pouco é um código militar para exercitar a disciplina nos rapazes e reprimir a sua individualidade e iniciativa. Não; é um jogo agradável, ao ar livre, aonde os homens-jovens e os jovens podem ir juntos, como irmãos mais velhos e mais novos, em busca de aventuras, adquirindo ao mesmo tempo saúde e felicidade, arte e recursos.

BADEN-POWELL

O êxito na educação depende essencialmente do próprio exemplo pessoal do Chefe — B.-P.

O "POW-WOW" DO VELHO LOBO

2.ª PALESTRA

Meus Irmãos:

Falei-vos, na última noite que passámos no campo, do *espírito* do Escotismo. Talvez devêssemos esperar pela Primavera, para que, voltando a época de acampar, as minhas palestras pudessem vir a ser melhor compreendidas: não há melhor ambiente do que a floresta ou a planície para nos fazer ver, num relance, qual é o alcance da obra de B.-P.

Mas chegou o Inverno. Os dias são frigidíssimos. Em alguns pontos a neve cai; noutros abrem-se as cataractas do céu que tudo inundam e varrem para longe. E à noite, os raros que se atrevem a acampar, preferem encolher-se nas suas mantas e dormir sob a tenda, enquanto lá fora o vento canta a sua melopeia do desalento, ou a chuva, monòtonamente, escorre ao longo da tela, a convidar ao sono reconfortante.

Sentemo-nos, portanto, aqui neste acolhedor «canto dos Seniores», estendendo os pés para o fogo que crepita na chaminé alegremente, e, por breves momentos embora, iniciemos uma meditação oportuna sobre a Lei do Escoteiro.

Porque, meus Irmãos, todo esse famoso *espírito* do Escotismo se encontra genialmente condensado na Lei. Esta não é, como sabeis, constituída por uma série de preceitos rígidos, articulado de qualquer código severo, com as respectivas sanções para os infractores. É antes um conjunto de normas orientadoras da vida moral de cada um, e que tanto podem ser seguidas por um escoteiro como por qualquer «rosto pálido» que lhes penetre o sentido. As sanções são todas *de ordem moral.*

No limiar do seu mais famoso livro, escreveu B.- P.:

> *«O princípio basilar do Escotismo é estudar as ideias de um rapaz, e este é incitado a educar-se a si próprio em vez de ser instruído por outrem».*

É este o grande segredo do Escotismo: cada um, «Patatenra» ou «Sénior», deve estudar-se a si mesmo com vista ao *seu* aperfeiçoamento moral. Egoísmo? Nada disso, meus Irmãos. Puro altruísmo. Se cada rapaz procurar, *através de todas as contingências da vida,* aperfeiçoar-se moralmente, o benefício reverterá imediatamente para a colectividade: a sua Família, a sua Pátria, portanto para a Humanidade. O ser moralmente perfeito põe todos os seus recursos espirituais, intelectuais e morais ao serviço do seu semelhante: assim, no dia em que cada homem se compenetrar a sério de que o seu dever, o *imediato dever* que sobre ele impende é SERVIR, acabarão as guerras fratricidas, acabará a miséria, acabarão as desigualdades sociais, acabará enfim tudo aquilo que, no decurso dos séculos, o tem tornado um ser miserável e indigno aos seus próprios olhos.

E não me digais, Irmãos meus, que isto é utopia. Apesar de tudo, os nossos tempos, do ponto de vista moral estão muito acima da Antiguidade, quando aliás alguns espíritos «utópicos» sonhavam com um mundo melhor, de que tinham a intuição, mas que jamais veriam. Se não tivesse havido idealistas que se sacrificassem pelo seu ideal generoso e humanitário, bem mais triste seria hoje a condição do homem, não obstante esta ainda se encontrar longe, bem longe da perfeição humana.

SERVIR é, de facto, o moto do Escoteiro, sintetizado nessa divisa que cada um de vós ostenta no chapéu: SEMPRE PRONTO.

B.-P. escreveu:

> «Sempre pronto espiritualmente, *habituando-se cada um a obedecer a todas as ordens, e também a prever com antecipação qualquer acidente ou circunstância que possa surgir, de modo que* se saiba *o que se deve fazer no momento oportuno, e se queira fazê-lo.*
>
> Sempre pronto fìsicamente, *fortalecendo-se e tornando-se* capaz *de fazer o que se deve no momento oportuno, e se faça».*

São suficientemente claras e expressivas estas palavras do inolvidável Chefe, para ser necessário explicá-las. Pela sua energia e pelo espírito de decisão que as anima, elas só se tornam incompreensíveis dos tíbios, dos indolentes, dos viciosos, dos inúteis, de todos aqueles, enfim, que, esquecidos que são *Homens,* com uma alma e um coração *humanos,* deixam que a animalidade ancestral os vença e domine, caminhando na vida «à deriva», batidos de todas as tormentas e de todos os vendavais.

Nós, portugueses, fomos um povo de gente forte espiritual, moral e fìsicamente. Os nossos navegadores e os nossos exploradores foram verdadeiros escoteiros, *sempre prontos* para enfrentarem qualquer dificuldade no momento em que ela surgisse. Muitas páginas de epopeia ignorada estão ainda por escrever; muitas vidas de abnegação admirável são ainda ignoradas até pelos descendentes dos heróis que as viveram. E quantas outras nós mesmos ignoramos, por nenhum testemunho eles nos haverem legado... Porque é próprio dos heróis — e notai que não emprego a palavra na acepção restrita dos que se batem com heroísmo nos campos de batalha, mas sim na acepção lata e geral de «homens de alma forte» —, é próprio dos heróis, ia eu dizendo, não falarem de si: *eles dão tudo aos outros.*

Egas Moniz sacrificou-*se* pelo seu Rei e pela palavra dada; Duarte de Almeida deixou-*se* mutilar pela honra da sua terra; Silva Porto suicidou-*se* para salvar o nome de Portugal; Nun'Álvares bateu-*se* pela liberdade da sua pátria invadida, quando os seus próprios irmãos seguiam o partido da legalidade; o heróico «Camarão», índio brasileiro que nada ligava a Portugal, deixou-*se* morrer em defesa dos que não eram seus irmãos de raça, apenas em cumprimento do voto de fidelidade a Portugal e ao seu Rei; Fr. Sebastião Manrique atreveu-*se* a enfrentar os perigos mais espantosos nesse Oriente inóspito e ainda hoje misterioso, ao serviço de Deus e dos homens; o P.e António de Andrade afoitou-*se* à travessia do Himalaia para catequizar os Tibetanos, pelo puro amor de Deus; João de Brito e João de Deus, que a Igreja Católica elevou aos altares, devotaram-*se* ambos à causa de Deus, que é ainda uma forma de amar os homens. E quantos, quantos mais, dotados de rara energia moral, que os fazia arrostar com todos os perigos para não violarem o juramento feito com a mão no coração!

Ainda um dia, meus Irmãos, hei-de evocar a história da vida de alguns desses pioneiros, desses «escoteiros» do passado, tantos deles mortos lá longe e desaparecidos tão misteriosamente, que nem se sabe onde lhes param os ossos. As suas vidas serão uma lição *viva,* a demonstrar que a «utopia» do Escotismo pode ser uma admirável «realidade», se nós quisermos, se *vós*

(Conclui na 7.ª página)

Um inquérito do «Sempre Pronto» aos seus leitores

Devem os Escoteiros fumar?

Publicamos hoje as respostas de dois jovens escoteiros, deixando para o próximo número outros depoimentos mais «maduros».

Um escoteiro de Carcavelos, Júlio Custódio, de 14 anos de idade, afirma: — Se algum dia a tentação me fizer fumar, hei-de fazer todos os possíveis, apelarei para toda a minha força de vontade, para que me livre de tão mau vício...

Foi com grande regozijo que verifiquei que o vosso jornal tomou a belíssima iniciativa de dar a palavra aos escoteiros-leitores por meio de um inquérito.

Como escoteiro que sou, e tendo por pai um escoteiro, não quis deixar de concorrer, embora modestamente, com a minha opinião no vosso simpático questionário. Assim, vou responder: Considero o vício do tabaco um vício nocivo à saúde, elevado ao maior expoente.

Se algum dia a tentação me fizer fumar, hei-de fazer todos os possíveis, apelarei para toda a minha força de vontade, para que me livre de tão mau vício, que virá certamente, prejudicar a minha saúde e os meus deveres de bom escoteiro.

Nunca me resolvi a profundar até que grau é o tabaco prejudicial, mas, por conselhos, palavras e leituras, sei quanto é mau para nós, os pequenos, adquirir este mau vício.

— «Aqui estou eu, «sempre pronto», a aconselhar os outros a não fumarem, fazendo-os reparar no vício grave em que incorrem» — foram as palavras de meu irmão escoteiro Mariano Garcia Inácio, na 1.ª resposta ao vosso inquérito. Pois bem: Mariano tem a minha completa aprovação nesta sua frase. Compartilho dos seus sentimentos. São, na verdade, nobres. Talvez que com eles consiga evitar que muitos rapazes novos se afundem na lama fumarenta do tabaco.

JÚLIO CONRADO MARTINS CUSTÓDIO

Escoteiro do Grupo n.º 16 — Carcavelos

A Patrulha «Águia» do Grupo 94 é fortemente contra o fumo. O Escoteiro José Eduardo Pena Ribeiro, de 12 anos, declara: — Não é por andar de cigarro na boca que se reconhecem os homens, mas sim pelas acções que praticam.

Para responder ao inquérito do «*Sempre Pronto*»:

Devem os escoteiros fumar?...

— Não! porque o tabaco é um veneno e um vício, apontado por grandes médicos conhecidos em todo o mundo.

Nós, rapazes e escoteiros que somos, não devemos fumar; lá diz o meu chefe:

— O escoteiro para ser escoteiro não há-de ter vícios que vos prejudicam, a vós rapazes de organismo tenro.

Tenho visto rapazes dos seus 8 anos com um cigarro na boca, julgando-se homens.

Não é por andar de cigarro na boca que se reconhecem os homens, mas sim pelas acções que praticam.

O fumo provocado pelo cigarro é incomodativo para as outras pessoas que nos cercam e os escoteiros não devem incomodar as outras pessoas.

Eu, que já fui lobito e que hoje sou escoteiro do Grupo 94, acho que os escoteiros e aqueles que o não são, não devem fumar.

JOSÉ EDUARDO PENA RIBEIRO

Escoteiro n.º 1 da Patrulha «Águia» do Grupo 94

Recordai que o Rapaz, ao inscrever-se, o que deseja é começar a fazer Escotismo imediatamente; portanto não lhe entorpeceis os joelhos sentando-o a escutar muitas explicações preliminares, como com frequência se faz.

Satisfazei-o, pois, levando-o executar jogos e práticas escotistas e inculcai os pormenores elementares pouco a pouco.

Baden-Powell

Dr. Ayres Serrano e Silva

A assistência médica é de um valor inapreciável num grupo de escoteiros. Assim o demonstra a acção notável que o distinto clínico Sr. Dr. Ayres Serrano e Silva vem exercendo junto dos escoteiros do Grupo 94, inspeccionando-os cuidadosamente e encontrando lesões ou deficiências que, cedo descobertas, se tratam, ao mesmo tempo que se conhecem as possibilidades físicas de cada rapaz, com vista a saber as actividades em que pode comparticipar.

Foi feliz o Grupo 94 encontrando um médico que interpretou a sua profissão como um sacerdócio e a



exerce com carinho e dedicação, prestando aos escoteiros um serviço valioso.

O «*Sempre Pronto*» honra-se prestando homenagem ao Sr. Dr. Serrano e Silva que, apesar de não ter feito Promessa como Escoteiro, sabe estar «sempre pronto». E não fazemos esta afirmação só porque o homenageado tenha prestado este serviço aos escoteiros, mas porque é de justiça e porque sabemos, através de muitos casos, que o Sr. Dr. Serrano e Silva acorre sempre à cabeceira do doente, seja rico ou pobre, tratando este com o mesmo carinho daquele, ainda que o não possa remunerar.

Felicitamos, pois, o ilustre médico do Grupo 94 pela sua tão útil acção naquela unidade associativa.

Dos Amigos do "Sempre Pronto,,

Nascimentos — Encontram-se de parabéns, pelo nascimento do seu primogénito, os nossos dedicados colaboradores Sr.ª D. Loreto Azpeitia de Genovés e seu Esposo, Sr. Enrique Genovés, representante do «S. P.» em Espanha.

Felicitamos estes nossos caros amigos e formulamos votos de muitas venturas ao pequenito Juan Francisco, um novo lobito para os *Exploradores de España*.

ERNESTO LEITÃO

Por notícias chegadas recentemente de Goa, soubemos que este nosso camarada, antigo escoteiro do Grupo 94 e dedicado colaborador do «Sempre Pronto», que se encontra na Índia, prestando serviço militar, sofreu ali um grave desastre de viação que o deixou em perigo de vida.

Encontra-se agora já restabelecido, motivo por que lhe enviamos um abraço de saudações.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

O "SEMPRE PRONTO,,

Vende-se em Lisboa na

Rua do Ouro, 124

Rua Nova do Almada, 46

O autodomínio não só te habitua a dominar os maus hábitos, como também te dará o domínio sobre os próprios pensamentos. — *B.-P.*

A morte de *Baden-Powell*

I

E neste sofredor, quente país
D'África, dentro da floresta, em Quénia.
Estendido no leito, em pura vénia.
Os cabelos de neve, com febris
Olhos (fixos na estranha noite gris...)
O grande benfeitor, sofre ali, mudo.
Calma a fronte que esconde turva frágua,
Não diz do coração a imensa mágoa,
E seus olhos macios qual veludo,
O desespero da alma, escondem, tudo...

II

Sabe que vai morrer... 'Stá moribundo...
Os seus oitenta e três adversos anos
—Povoados de ilusões e desenganos—
Obrigam-no a temer que o falso mundo
Esqueça o ensinamento áleo e profundo.
Por isso ainda no último momento
Sulcos grandes no rosto seu, tristonho,
Afaga qual a um filho — aquele Sonho...
A morte o quer... E sem nenhum lamento
Resigna e cerra as pálpebras bem lento...

III

Mas naquele final instante, magas
Esperanças, brotaram novas, suaves...
No misticismo das extensas naves
Sonha... Sonha que em todas estas plagas,
Sob a mesma bandeira, em grandes vagas
Crespas, a juventude enfim liberta
Marcha para o terreno, cruel horto,
No seu grandioso preito ao Chefe morto,
Cantando uma canção mesma de esperta,
Saudando com o mesmo Sempre-Alerta!

IV

Súbito... ouviu longínquo um rataplã.
(Baden-Powell está em agonia...)
Agora com os olhos da alma, via
Que a vida não lhe fora jamais vã.
Num derradeiro abraço a si, titã!
Sentia em coração, ali, desperta,
A mocidade na missão fraterna,
Saudando a sua grande mente, eterna...
A morte as pálpebras do velho aperta.
E chora a natureza fiiria... encoberta...

V

Meus irmãos, Baden-Powell não morreu—
Sua memória não se apagará...
Meus irmãos, Baden-Powell não morreu.
Vede-o todos: aqui próprio ele está.

Dalton Travisan

Brasil

ENTRONCAMENTO

GRUPO N.º 84

Comemoração do dia 1.º de Dezembro

Como nos anos anteriores, a Banda percorreu de madrugada as Ruas desta Vila, entoando o Hino da Restauração. Também pelas 8 horas foi proceder ao içar da Bandeira Nacional no Jardim-Parque e às 9, o mesmo fez na Câmara Municipal, e na Sede do Grupo. Foi também oferecido, pelo Sr. José Duarte Coelho, um pequeno almoço a todos os executantes da Banda.

Para Lisboa, onde foram tomar parte na Parada realizada pela A. E. P. para comemoração do dia da Independência, deslocaram-se 8 escoteiros com a respectiva Bandeira do 84.— C.

A Voz do Chefe



AS DERRADEIRAS MENSAGENS DE BADEN-POWELL

AOS ESCOTEIROS

Caros Escoteiros:

Se alguma vez assististes à representação de «Peter Pan», lembrai-vos de que o chefe dos piratas estava sempre em via de preparar o seu último discurso porque receava que a hora da sua morte chegasse, e não tivesse tempo de o pronunciar. Assim acontece comigo e, se bem que eu não esteja seguro do momento de morrer, posso falecer num dos próximos dias e desejo-vos enviar uma palavra de adeus. Lembrai-vos de que esta é a última mensagem que recebeis de mim. Portanto, meditai nela.

Tive uma vida muito feliz e queria que se pudesse dizer outro tanto de cada um de vós. Eu creio que Deus vos colocou neste mundo para aqui serdes felizes e gozar da vida. Não é nem a riqueza, nem o sucesso, nem a indulgência para consigo próprio que criam a felicidade. Alcançá-la-eis primeiramente fazendo de vós, desde a infância, seres fortes e sãos que poderão mais tarde tornar-se úteis e gozar assim a vida quando forem homens. O estudo da natureza vos ensinará que Deus criou coisas belas e maravilhosas, a fim de que vós as gozásseis.

Contentai-vos com o que possuis e fazei disso o melhor uso possível. Olhai o lado bom das coisas antes que o lado sombrio. Mas a melhor maneira de alcançar a felicidade é espalhá-la em volta de vós.

Tentai deixar este mundo um pouco melhor do que ele era quando vós nascestes e, quando a hora da morte se aproximar, podereis morrer felizes pensando que não perdestes o vosso tempo e que procedestes «o melhor possível».

Estai prontos a viver felizes e a morrer felizes. Sede sempre fiéis à vossa Promessa de escoteiros mesmo quando fordes adultos e que Deus vos ajude.

O vosso amigo

Baden-Powell



ÀS ESCOTEIRAS

Queridas Guias:

Esta é uma mensagem de adeus e a última que recebereis de mim. É simplesmente para vos afirmar, quando eu não for mais deste mundo, que o fim da vossa vida é ser felizes e tornar os outros felizes. Isto parece fácil e agradável, não é verdade? É começando pela boa acção diária que vós aprendereis a levar a felicidade aos outros. Não tenhais preocupação com a vossa própria felicidade. Mais tarde, quando fundardes um lar, é fazendo-o luminoso e alegre que tornareis o vosso marido feliz. Se todos os lares fossem luminosos e alegres não haveriam tantos cafés e os homens prefeririam ficar em casa. Isto significará, poderá ser, um trabalho difícil para vós, mas tereis a vossa recompensa. Se os vossos filhos forem limpos e bem cuidados, e souberdes ocupar-vos deles, serão felizes. As crianças felizes amam os seus pais e nada pode dar mais alegria do que uma criança amiga. Eu estou seguro que Deus quer que nós sejamos aqui felizes. Ele fez-nos nascer num mundo repleto de belezas e de maravilhas e deu-nos dois olhos para as vermos e uma inteligência para as compreendermos, desde que saibamos contemplá-las nesta vida. Podemos gozar de uma bela luz e de paisagens esplêndidas. Podemos ver a beleza das flores. Podemos maravilhar-nos vendo como o campo produz plantas jovens, que dão uma flor que, por sua vez, substituirão outras flores que secam. Porque as flores morrem como os homens, a sua raça perpetua-se e novas plantas nascem para continuar a obra do Criador.

Assim, vede, as raparigas jovens são as servas escolhidas de Deus de duas maneiras; primeiro, para continuar a raça dando ao mundo crianças que substi-

Muita gente pensa que «prazer» é o mesmo que «felicidade». Por isso muitos seguem o mau caminho. — B.-P.

tuirão os homens e as mulheres que morrem, em seguida para dar felicidade ao mundo, criando nele lares venturosos e sendo alegres camaradas de seus maridos e de seus filhos. Eis a vossa tarefa, escoteiras!

Sendo uma camarada para o vosso marido, quer dizer, interessando-vos no seu trabalho e nas suas aspirações, podereis assim ajudá-los com a vossa afeição e com as vossas sugestões, orientando-o como verdadeiras escoteiras, formando o carácter dos vossos filhos, tanto como o corpo e a saúde; fareis das suas vidas, vidas felizes. Espalhando assim em vosso redor o amor e a felicidade, recebereis em troca o amor do vosso marido e dos vossos filhos e não há no mundo nada melhor do que isto.

Descobrireis assim que o paraíso não se encontra só em qualquer parte no céu após a vossa morte, mas já aqui em baixo no vosso próprio lar. Portanto, dai a felicidade aos outros e recebê-la-eis de volta, fazendo aquilo que Deus pede de vós. Que Deus seja convosco.

Baden-Powell

AO PÚBLICO

A minha vida foi profundamente feliz, não sòmente no meu próprio lar, mas também fora dele. Eu queria antes de morrer afirmar todo o meu reconhecimento a centenas, que digo eu? a milhares de pessoas que me têm testemunhado afeição.

Tenho sido profundamente enternecido às vezes pela boa vontade que tenho encontrado, quer entre os meus irmãos escoteiros, quer entre os meus compatriotas de todas as classes da sociedade em todo o Império. Mas esta boa vontade não tem sido restrita àqueles meus compatriotas, porque a tenho encontrado também entre homens pertencentes a outras nacionalidades. Ela não tem sido a consequência do que eu pudesse ter feito por eles, mas é a expressão da sua própria bondade e tem contribuído grandemente para fazer da minha vida uma vida feliz. É por isto que espero que se inspirará mais e mais este espírito de benevolência na geração que surge a fim de dar a felicidade a outras vidas e que o ideal cristão de paz e boa vontade entre os homens não restará um simples preceito mas será posto em prática.

Olhando para trás e considerando a minha vida de mais de oitenta anos, eu vejo quanto a vida é curta e quanto são vãs a cólera e as lutas políticas. A única coisa que vale a pena ser conseguida é levar um pouco de felicidade à vida dos outros.

Baden-Powell

N. da R. — Estas três mensagens só foram conhecidas após a morte de Baden-Powell.

A Religião é indispensável à felicidade

Se queres realmente atingir o sucesso, quer dizer a felicidade, não deves sòmente evitar ser enganado pelos palradores ateus, mas deves dar à tua vida uma base religiosa.

Não é simplesmente questão de ir à Igreja ou de conhecer a História Santa ou de compreender a Teologia. Muitos homens são sinceramente religiosos quase sem o saber e sem terem estudado a religião.

A religião, muito brevemente exposta, significa isto:

Primeiro: conhecer Deus.

Segundo: utilizar o melhor possível a vida que Ele nos deu e fazer o que Ele espera de nós. Isto consiste sobretudo em fazer alguma coisa pelos outros.

É isto o que tu deves crer, não sòmente como assunto de meditação reservado ao Domingo, mas qualquer coisa que deves pôr em prática em cada minuto de tua vida quotidiana.

A fim de atingir os dois pontos que acabo de citar e de evitar o ateísmo, recomendo duas coisas:

A primeira, é a leitura desse velho e admirável livro, a Bíblia, que, além da sua revelação divina, é um maravilhoso livro de história e de poesia, tanto quanto de moral.

A segunda, é a leitura desse outro livro maravilhoso, o livro da natureza, de ver e estudar tudo o que puderes das maravilhas e das belezas que ela te oferece. E, depois, reflecte na maneira como melhor possas servir Deus enquanto possuís a vida que Ele te concedeu.

BADEN-POWELL

IMPRENSA

ECOS DE BELÉM

Este nosso estimado colega, lídimo defensor dos interesses da freguesia de Belém e bairros circunvizinhos, entrou, com o seu número 785 de 6 de Janeiro, no 20.º aniversário de publicação.

Felicitamos o «Ecos de Belém» na pessoa do seu Director, Sr. João Bastos Nunes, pelo êxito alcançado, formulando votos de constantes progressos.

Um gesto heróico

Em meados de Janeiro caiu e incendiou-se no aeroporto de Filadélfia um avião que tinha como hospedeira uma rapariga de 24 anos, Frances Housley, jovem que deu ao mundo, tão conturbado por ódios e rancores, uma lição preciosa de amor pelo próximo, praticando um acto do mais valioso heroísmo:

Queimada, penetrou na cabina incendiada do aparelho e, através das chamas, foi arrancando ao fogo, um a um, passageiros que sem o seu socorro pereceriam horrìvelmente queimados. Salvou dez vidas! De cada vez que regressava ao avião novas queimaduras recebia, que dilaceravam os seus braços e cegavam os seus olhos, mas a que não dava atenção. A décima primeira vida a salvar era a de uma criança. Ainda a tomou nos braços, mas não foi possível. Foi encontrada carbonizada com a criança nos braços.

Grande Mulher! Que elevado conceito do Dever profissional, virtude já tão rara no mundo. Frances Housley, um nome que bem merece as mais sinceras homenagens dos Escoteiros, porque exemplificou com a sua vida a forma como se deve interpretar o segundo artigo do Compromisso de Honra: *auxiliar o próximo em todas as circunstâncias.*

Aniversário do "Sempre Pronto,,

Por motivo do aniversário do nosso jornal, tiveram a gentileza de nos enviar felicitações os nossos estimados amigos Srs. Jacinto dos Reis Moniz Silva, agente-correspondente do «S. P.» na Ilha Terceira, em seu nome e em nome do Grupo 52 de que é dedicado chefe; António Vítor Guerra, dig.mo Director da Biblioteca Pública Municipal Pedro Fernandes Tomás, da Figueira da Foz; António Álvaro Dória, de Braga; Georges Monteiro, de Coimbra; François Baradez, de Paris e Carlos Mexia de Castro Paiva.

Também o nosso prezado colega «Ecos de Belém» se referiu, com palavras amigas, ao nosso aniversário.

A todos, o «*Sempre Pronto*» expressa os seus melhores agradecimentos.

Cumprimentos de Boas Festas ao "Sempre Pronto,,

Tiveram ainda a gentileza de nos endereçar cumprimentos de Boas-Festas os nossos estimados amigos:

Srs. Eduardo de Magalhães, do Porto; Jaime Silva, de Santa Maria, Açores; François Baradez, de Paris; Alberto Lassus, de Buenos Aires; L. Bertrán, M. de M. e B. S. de Catalunha, de Barcelona; Rui Marques e Miranda de Melo, produtores de «A Voz da Sétima Arte»; Escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Governo Brasileiro, Antigos Scouts Valencianos, Jacinto dos Reis Moniz Silva, chefe do Grupo 52, de Angra do Heroísmo; Luís Simões Aurélio e o Grupo n.º 2

A todos agradecemos reconhecidos.

O Escotismo não consiste em fazer rufar o tambor e flutuar as bandeiras. O Escotismo é a vida dos bosques e do ar livre. — B.-P.

Ritual Escotista

EM CAMPO

(Continuação do número 69)

PELOS ARTIGOS DA LEI

São Dez as suas virtudes,
Como os artigos que encerra,
E que cumpridos na Terra
Só tornam feliz a Grei.
Escoteiros: eu vou chamar.

ARTIGO 1.º

Então o Escoteiro da ponta da direita, dos que representam a Lei, avança direito à pira dizendo:

— O Escoteiro é verdadeiro, a sua palavra é sagrada.

ARTIGO 2.º

Assim sucessivamente todos vão formando um círculo em volta da pira, chegando ao décimo, o Chefe continua:

Artigos da nossa Lei
Os vossos fachos juntai
E o nosso Fogo acendei.
E vós rapazes cantai,
Cantai a nossa canção,
Cantai ao Fogo, bem alto,
Cantai d'alma e coração.

Os artigos lançam fogo à pira e aí deixam os seus fachos.

Todos cantam a canção "Chama Alegre!" e outra canção intitulada "Canção da Raça".

Oh! Chama alegre, brilhante, divina,
Oh! Fogo ardente, puro, imaculado,
Livra a minh'alma de qualquer má sina,
Salva meu corpo de todo o pecado.

Oh! Fogo sagrado, brilhante, divino,
Tu que és um Hino de Paz e Amor,
Dá à minh'alma uma vida calma,
Dá-lhe a beleza dessa tua cor.

Ao crepitar da tua Chama
Vimos ouvir os conselhos,
Que nos dão os nossos Chefes,
Os nossos Irmãos mais velhos.

Ao crepitar da tua Chama
Oiço uma voz d'encantar,
É a minha Pátria querida
Que nos quer abençoar.

A seguir cantam: (Canção da Raça)

Rapazes da nossa Terra
Cantai a Raça, cantai a Raça.
E que bem alto se faça
Ouvir tão alta voz.
A hora é própria e fecunda
E a vossa voz inunda
A alma ardente e profunda
Da raça de todos nós.

Cantai a Raça, cantai
O velho Portugal velhinho,
Mimo de graça, mimo de graça,
Feito de luz de Sol e de carinho.
Em cada lar um berço
Em cada ramo um ninho,
Um coração a arder,
Uma espada a brilhar,
Com Fé a combater
E com saudade a amar.

Cantai o Portugal de sempre,
Cantai o Portugal de agora,
Cantai a Raça, cantai,
Cantai que chegou a hora,
Olá! Rapazes cantai,
Cantai sempre e com valor
Que Portugal eterno e forte
Seja sempre o nosso Norte,
Seja sempre o nosso Amor.

O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

BOLÍVIA E TURQUIA

Foram reconhecidas pela Repartição Internacional de Escotismo, em princípios de Dezembro, as Associações da Bolívia e da Turquia.

Estas Associações têm as seguintes designações:

ASSOCIACIÓN DE SCOUTS DE BOLÍVIA
TURKIYE IZCILERI

Foi analisada a Promessa Escotista, a Lei, o acto de Fundação e os Estatutos de ambas, que estão conforme as normas aceites por todas as Associações membros.

Em qualquer dos casos os movimentos escotistas agora reconhecidos pela Conferência Internacional de Escotismo têm aprovação dos respectivos governos, sem o que não seria dado o reconhecimento oficial. No entanto, na Turquia a organização escotista está sob a protecção do Ministério da Educação e conta aproximadamente 15.000 escoteiros e dirigentes e já existe trabalhando anteriormente a 1945. Na Bolívia é de mais reduzidas proporções, pois conta sòmente 500 rapazes e Chefes; o princípio desta organização data apenas de 1949.

Foram enviadas saudações a estas duas novas associações irmãs.

SUÉCIA

Foi recebido um convite da KFUM : s Scoutforbund (uma da associações suecas) para que os Escoteiros de Portugal se fizessem representar no seu Acampamento Nacional de 1951, que se realiza em Oresund, na costa S. W. da Suécia, de 13 a 23 de Julho.

Não está previsto o envio de qualquer delegação, pelo menos por enquanto; no entanto se algum grupo, patrulha ou escoteiro isolado estiver interessado na ida, poderá pedir informes ao Secretariado das Relações Internacionais.

DINAMARCA

Foi recebido um convite da Det Danske Spejderkorps (uma das Associações dinamarquesas) para que os Escoteiros de Portugal se fizessem representar no seu Acampamento Nacional de 1951 que se realiza em Grena, na península de Djursland de 4 a 12 de Julho.

Não está previsto o envio de qualquer delegação, no entanto se algum grupo, patrulha ou escoteiro isolado estiver interessado na ida, poderá pedir informes ao Secretariado das Relações Internacionais.

I Reunião Internacional de Escoteiros-Chefes

De acordo com a 12.ª Conferência Internacional, realizada em ELVEAETER em 1949, a «*I Reunião Internacional de Escoteiros-Chefes*» deverá ter lugar em 1952.

Nas reuniões do Conselho Internacional Escotista (Comité), realizadas em Portugal em Setembro de 1950, foi dado o nome de INDABA a estas reuniões. Este título é um tanto de harmonia com outros títulos já existentes no vocabulário mundial escotista tais como: Jamboree, Moot, Get-Together, etc.

Está aberta a inscrição para oferecimento de países que queiram ver realizada essa reunião no seu território.

ANTIGOS ESCOTEIROS

Segundo informações recebidas, vai realizar-se uma reunião internacional das organizações de Antigos Escoteiros na Dinamarca, este ano.

Esperamos que a nossa *Fraternal dos Antigos Escoteiros* se ponha em contacto com os organizadores e se faça representar por alguns dos seus componentes.

O Secretário das Relações Internacionais
JOSÉ MARIA NOBRE SANTOS

Notícias do "Jamboree" da Áustria

Prosseguem em ritmo acelerado os preparativos para o «Jamboree» que este ano se realizará. Os escoteiros daquele país estão-se entregando com denodo à tarefa de organizar um campo onde possam ser recebidos os 15.000 escoteiros de todo o mundo que ali se reunirão no próximo estio, hóspedes do movimento escotista austríaco.

Em princípio, o número de participantes no grande acampamento havia sido fixado em 10.000 escoteiros. Porém, embora procurando fugir quanto possível a uma grande concentração de acampados, que tiraria ao «Jamboree» todo o aspecto de um acampamento, os organizadores resolveram fixar o máximo de visitantes estrangeiros em 15.000, mesmo assim rejeitando muitos pedidos de escoteiros que ali desejavam ir. Como se pensa que sejam 3.000 os escoteiros austríacos que estarão presentes, conclui-se que o «Jamboree» de Salzburgo contará cerca de 18.000 comparticipantes de todo o mundo, que erguerão aproximadamente 4.000 tendas.

Calcula-se que para o acampamento serão precisos 800 esteres de lenha e 500.000 metros de madeira em tábuas para construções.

Cada participante pagará 300 xelins austríacos, excluindo as despesas de viagem evidentemente. Muitos grupos e patrulhas já começaram a fazer economias, para garantirem a sua presença.

A recolha e retirada dos detritos do acampamento mereceram especial atenção dos organizadores que, para isso, distribuirão 1.000 baldes pelos 500 grupos que acamparão.

A Secretaria Internacional já aprovou o emblema para o «Jamboree» da autoria do professor austríaco Richter. Representa um tambor de boca, antiquíssimo instrumento musical da Áustria, ligado à flor de lis.

Não há dúvida que os austríacos estão empregando todos os seus esforços para receberem da melhor forma os visitantes que ali irão em Agosto, que poderão gozar não só das magníficas condições do local escolhido, mas ainda de uma organização primorosa.

O "POW-WOW" DO VELHO LOBO

(Conclusão da 3.ª página)

quiserdes. Tudo depende da Vontade, essa Vontade dominadora e indomável, que é o traço característico do carácter e que define verdadeiramente o homem.

Do que pode a força da vontade, deu-nos exemplo frisante e magnífico o próprio B.-P. abandonando as fileiras em que brilhantemente servira, para dedicar o resto da sua vida à educação *integral* da juventude inglesa. Ele foi, na verdade, o Chefe, porque exemplificou pràticamente os princípios que preconizava, com abnegação e com altruísmo. Legou-nos um exemplo para meditar e seguir.

Saiba cada um de nós compreendê-lo e segui-lo. E o *velho espírito* do Escotismo renascerá.

O VELHO LOBO NEGRO DO NORTE
E. C. D.

ATENÇÃO! DAQUI ALGARVE

Um jogo bem imaginado pelo Grupo n.º 6

«ACAMPAMENTO FATAL»

Em 19 de Novembro findo, realizou-se um exercício-jogo com este nome.

Às 5 horas da manhã saiu do jardim desta vila, a Patrulha «Egas Moniz» acompanhada de dois guias de secção e do Chefe Adjunto do Grupo. Em marcha rápida, pois o frio e o tempo apertavam, dirigiram-se para o Cerro de S. Miguel, seguindo caminhos explorados duas semanas antes por aquela patrulha. Chegados às primeiras elevações e escolhidos locais apropriados, foi preparada, ainda antes do alvorecer, a *mise en scène* do exercício, de que eram «figurantes» os roteiristas da Patrulha «Egas Moniz».

A Patrulha «Galo» saiu de Olhão às 6 horas, seguida da «Tigre», «Andorinha» e «Águia», que iam deixando o local da partida de meia em meia hora. Todas levavam uma cópia do esboço topográfico feito secretamente pelos «Egas», em 5 do mesmo mês.

Ao chegarem a determinado local marcado nesse esboço, recebiam uma mensagem por homógrafo, transmitida dum monte ao longe, a qual dizia às Patrulhas para seguirem uma pista cujo começo se encontrava a 30 passos na direcção N.E. No fim dessa pista, recebiam nova mensagem, mas em morse por apito, informando que na direcção N.N.O. estava um acampamento de escoteiros que pedia socorro.

Realmente, por detrás de uma colina um tanto afastada, encontrava-se uma tenda armada, dentro da qual, e espalhado cá fora, se via o equipamento individual de 7 escoteiros. Nas proximidades, jaziam 5 escoteiros «feridos» e viam-se indícios de luta recente. Procurando bem entre esses indícios, notavam-se uns pingos de «sangue». Seguindo esse rasto que se prolongava por uns 300 metros em terreno pedregoso, áspero e arborizado, encontrava-se uma habitação rústica, em ruínas. No seu interior, estava um escoteiro «morto», tendo apertado, numa das mãos, um papel escrito com o próprio «sangue», onde dizia: «Chefe salvo, sigam...». Da platina direita do «morto» pendiam os restos dum cordão de mérito.

Nada mais indicava o local onde encontrar o Chefe. Mas, quem procurasse bem e tivesse notado o pormenor do cordão de mérito, encontraria uma pista feita com pequenos bocados do mesmo cordão, a qual conduzia a um amontoado de penedos, refúgio do figurante que fazia de Chefe.

Compreendia-se, portanto, pelo material encontrado no acampamento, que faltavam ali dois escoteiros, estando, pelo menos, um deles «ferido». Pelo que se encontrava na casa em ruínas, deduzia-se que o Chefe, tendo acompanhado até essa casa o escoteiro «ferido», fora forçado a abandoná-lo aí, resolvendo esconder-se sòzinho, para não cair em poder dos supostos assaltantes do acampamento. Mas como indicar o seu esconderijo a quem o pudesse vir socorrer? Por isso recorreu ao cordão de mérito, com que traçou uma pista.

Todas as Patrulhas chegaram a encontrar o Chefe, excepto a Águia que não passou da casa em ruínas, por falta de observação e dedução.

Porém, a que fez melhor prova, ainda que não tivesse sido perfeita quanto a deduções, foi a Patrulha «Andorinha».

Para tornar mais difícil o jogo, vinham, por vezes, lá do alto do Cerro, ondas de nevoeiro que tudo envolvia.

Às 11 horas, acabado o exercício e feita a crítica à acção das Patrulhas, empreendeu-se a ascensão do Cerro, no intuito de se almoçar lá no alto. Mas aí, o vento e alguns chuviscos eram tão frios que houve que descer a encosta do lado oposto e procurar, lá em baixo, o abrigo da aldeia de S. Miguel. Aí permanecemos até às 15 horas, momento de retomarmos o caminho de Olhão. — C.

A melhor disciplina é a voluntária

Uma guarda-de-honra dos escoteiros russos encontrava-se na gare para me saudar à minha partida. Estavam tão imóveis como a pedra, mas podia-se sentir palpitar a vida da alma de cada um deles, brilhando nos seus olhos excitados enquanto eu passava frente às suas fileiras. Isto comoveu-me a tal ponto que não pude deixá-los assim; voltei atrás e apertei a mão a cada um deles. Quando eu tinha quase terminado, não puderam conter-se mais. Ouviu-se um grito súbito, romperam as fileiras, e num segundo estavam todos em volta de mim, apertando-me as mãos, beijando-me a roupa, cada um tirando do bolso um objecto para me deixar como recordação. O entusiasmo infantil estava bem alí, pronto a responder ao apelo, mesmo ao de um estrangeiro. Isto é típico e este incidente fez-me compreender o que se passa em grande escala na Rússia. Deixai correr um rio na sua direcção natural e ele ser-vos-á útil. Fazei-lhe restrições artificiais e um dia ele romperá os seus diques e tornar-se-á impetuoso e nocivo. A disciplina imposta conduz à reacção, a disciplina de dentro não tem disso necessidade.

Moral: — não acrediteis em que a disciplina militar seja a melhor maneira de formar um cidadão moderno. Para que um povo esteja habilitado a governar-se a si próprio, é preciso que ele tenha começado por se educar.

BADEN-POWELL

A volta ao mundo em bicicleta

por três escoteiros da Índia

Informam-nos de Goa que, vindos de Hyderabad, chegaram a Poona em 27 de Novembro, três escoteiros, após uma viagem de bicicleta de mais de 400 milhas a uma média de 70 por dia. O chefe da equipa, Dr. M. Narasimham, disse que a sua aventura se iniciaria de facto após uns 15 dias mais, partindo de «Gateway of India», Bombaim, para uma viagem de bicicleta que demorará seis anos, seguindo para Delhi, Kashmir, Pakistão, Quettá, Kabul, Irão, Turquia e dali para a Europa. Os outros dois escoteiros são R. N. Datta e Babu J. Trivedi.

Os excursionistas são portadores de uma mensagem de fraternidade da Índia a todos os povos do mundo. — C.

O ESCOTISMO NA CAPITAL

GRUPO N.º 2

No dia 30 de Dezembro último, este Grupo efectuou na sua sede uma festa recreativa dedicada às famílias dos seus rapazes e aos seus sócios auxiliares, que teve a colaboração dos palhaços Irmãos Emilianos e da Patrulha «Águia» do Grupo 94.

Os escoteiros do «2» apresentaram a peça «O Capitão de Lanceiros», e a Patrulha «gÁuia» os episódios «Todo o Mundo e Ninguém», de Gil Vicente, e «Regeneração», do escoteiro Mariano Inácio.

GRUPO N.º 79

No domingo, dia 7 de Janeiro, este Grupo realizou a sua tradicional festa dedicada às mães, tendo aproveitado o ensejo para que prestassem Compromisso de Honra alguns novos escoteiros.

A festa terminou com um chá oferecido pelos escoteiros às mães presentes.

O «S. P.» fez-se representar pelo adjunto da sua Administração, Sr. Faustino Leitão.

REGIÃO CENTRO

Durante o corrente mês, os serviços regionais vão promover um campeonato de Voleibol intergrupos.

● Foram colocados adidos à Secretaria Regional os E. S. Justino Estêvão da Silva e Jaime Nascimento Raposo.

Para adidos do Departamento de Propaganda foram nomeados os A. E. Fernando e António Baía dos Santos.

DA PÓVOA DE SANTA IRIA

GRUPO N.º 8

Tomou posse, em 3 de Dezembro p. p. a nova Comissão de Patrocínio deste Grupo, assim constituída:

Presidente, Sr. Engenheiro Francisco José S. Saragoça; *Secretário*, Sr. Grife Correia Louro; *Tesoureiro*, Sr. José Nunes Mota; *1.º Vogal*, François Venturini y Piller; *2.º Vogal*, Ayres Gomes Dinis.

A sessão para o acto de posse foi presidida pelo Escoteiro-Chefe do Grupo n.º 1 Snr. José Ferreira da Silva, em representação dos Escoteiros de Portugal e do seu Grupo.

Usou da palavra o Presidente, que disse ser uma honra dar posse à Comissão de Patrocínio do 8, e enalteceu o Movimento Escotista, votando por que o «8» fosse um digno representante do Movimento Escotista no Concelho de Vila Franca de Xira.

Assinado o auto de posse, usou da palavra o Presidente do Grupo, que disse do interesse que sempre lhe tem merecido o Movimento Escotista, cuja finalidade conhece e prometeu estar «Sempre Pronto» para contribuir para o engrandecimento do Grupo 8 e do Escotismo.

O Escoteiro-Chefe do Gr.º 8 agradeceu, em nome daquela unidade, as amáveis considerações, tanto do Chefe do 1 como do seu novo Presidente, e prometeu envidar todos os esforços possíveis no sentido de elevar o «8» ao nível que o Movimento Escotista merece.

Trocaram-se por fim saudações entre Grupo, encerrando-se a sessão com o hino «Eh lá!». — C.

O carácter não pode ser injectado num jovem. Existe em estado embrionário dentro dele e basta apenas ser cultivado para logo desabrochar. — *B.-P.*